
Resenhas

São Paulo: O Povo em Movimento. Paulo Singer e Vinicius Caldeira Brant (orgs.). Petrópolis: Vozes — São Paulo: CEBRAP, 1980. 231 p.

Os textos de *São Paulo: O Povo em Movimento*, uma antologia sobre o povo da capital paulista no dias de hoje, englobam oito temas gerais: A emergência das classes populares em São Paulo (V.C. Brant); Sindicatos de trabalhadores (V.C.B.); Comunidades eclesiais de base (C.P.F. Camargo, B.M. de Souza, A.F. de Oliveira Pierucci); Movimento de bairro (P. Singer); O feminismo e o feminino (P. Singer); Organizações regras (Clóvis Moura); Partidos políticos (F.H. Cardoso), e Movimentos sociais em São Paulo: traços comuns e perspectivas.

Todos os textos mostram a tomada de consciência de grupos sociais diante de problemas e situações concretas de submissão, mantidos pela tradição de dominação econômica e política, quase sempre, e social, em alguns casos. Tratam da presença das classes populares urbanas no cenário político. Os sindicatos, sob a proteção e controle do governo, pela CLT de 1943, adquirem novo vigor a partir do crédito depositado pelos operários em sua própria união e seu poder de reivindicação.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) representam o primeiro movimento de organização popular que parte realmente do povo — a Igreja foi apenas a motivação primeira. As fundamentais exigências cristãs de igualdade são colocadas como critério para condenar a espoliação refletida na teia de relações do espaço urbano. Nestas pequenas comunidades, a aprendizagem espontânea, fruto da vida diária, leva à unidade na ação com o consenso democrático no processo decisório. A força dos fracos da periferia urbana está na união e na ação coletiva calcada em sentimentos e estí-

mulos de justiça social. Há mais consciência crítica e mais participação política engajada nas CEBs do que em qualquer partido político brasileiro de hoje.

Os movimentos de bairro são hoje a expressão da dinâmica social do mundo urbano capitalista. Criadas em 1934, as Sociedades Amigos da Cidade pretendiam aumentar e fiscalizar o crescimento, já intenso e não controlado, da capital. Eram lideradas por profissionais liberais e figuras da aristocracia paulistana. Hoje, o movimento de bairro difere muito das antigas SABs. As CEBs, os Clubes de Mães, grupos de reflexão, cursos, compras em comum e outras formas associativas têm por objetivo criar nova consciência de ajuda mútua no seio do povo.

A participação da mulher tem sido destacada na atuação das CEBs. Em contraste com o passado, onde a mobilização feminina se restringia às donas de casa da classe média e alta, em defesa da ordem vigente e da moral tradicional, hoje esta participação é mais ativa nas classes operárias através das CEBs. O movimento feminista atual data de 1975 — Ano Internacional da Mulher — e tem ampla aceitação e atuação tanto nas CEBs como em outros movimentos urbanos especificamente destinados à ação e conscientização da mulher, procurando libertá-la da opressão tanto na família como no emprego.

As organizações negras recentes conservam as tradições da raça em Associações como as Irmandades Religiosas e os quilombos durante a escravidão. Em São Paulo, os negros já em 1711 fundaram a irmandade Os Pretos do Rosário de São Paulo, cuja sede é a atual Igreja no Largo do Paissandu, após a desapropriação da antiga sede na atual Praça Antônio Prado. O movimento negro mantinha jornais em período recente. As Escolas de Samba, a macumba, a umbanda (forma africana de magia branca), a favela e a congada são instituições onde há um

mínimo de organização da presença negra entre nós. O Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial é recente; resposta a casos de discriminação racial na capital.

As modernas sociedades de massa abraçam com entusiasmo as reivindicações que partem da sociedade civil, como direitos humanos, ecologia, feminismo, minorias étnicas etc. Tais reivindicações no Brasil não são defendidas por partidos políticos dada a rigidez da estrutura partidária e seu clientelismo. Os meios de comunicação de massa adquirem enorme expressão na mobilização eleitoral, mas as CEBs têm alto poder de mobilização política bem mais consciente e atuante.

Esta obra é uma resposta, ou uma seqüência, a *São Paulo, 1975: crescimento e pobreza* (Loyola, 1976). Mostra como as populações pobres se organizam, descrentes da justiça social da ordem vigente, e passam a reivindicar uma justiça social, onde a participação nos frutos do processo de modernização e do crescimento econômico é uma exigência comum de seres humanos ou grupos sociais carentes, e não uma oferta paternalista das classes favorecidas e que detêm o poder.

Januário Francisco Megale
FEA/USP

A Economia da Informação. Nadine Toussaint. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, 128 p.

Estudiosos da teoria da informação econômica ressentiam-se da ausência de obras em português sobre o assunto, antes de ser lançado *A Economia da Informação*, livro da Nadine Toussaint.

A autora, professora assistente da Universidade de Paris II, completou o esquema clássico de informação, enunciado pelo sociólogo norte-americano H.D. Lasswell, "quem diz o quê, através de que canal, a quem e com que efeitos?", com os elementos "quem paga o quê, para quem e por quê?"

Sociólogos, historiadores e juristas debruçam-se em trabalhos acerca do papel

e dos mecanismos dos meios de comunicação de massa, porém análises econômicas do assunto são raras.

Várias razões, de naturezas diversas, representaram até mesmo obstáculos ao eventual interesse por abordar a informação sob a perspectiva econômica. Uma delas consiste na tradição de que a imprensa é fenômeno apenas sociológico ou político, persistindo no espírito do público uma atmosfera romântica quanto ao jornalismo. Desde Balzac e Maupassant, os jornalistas são "heróis" cuja arma política é a pena... ou o microfone. A administração da infra-estrutura exigida para veicular a mensagem permanece negligenciada.

Outra razão em se contestar o papel da informação. A alguns pesquisadores repugna a idéia de considerar as informações como bens ou serviços oferecidos ao mercado. Este, e os demais bloqueios, Nadine Toussaint consegue superar, com uma análise econômica séria.

Em *A Economia da Informação* constam, além da investigação técnica dos custos de produção, distribuição de produtos, condições de financiamento e organização do mercado das indústrias dos meios de informação francesas, gráficos e tabelas, o que torna a obra fonte bibliográfica básica para futuras pesquisas do caso brasileiro.

Rodney Vergili
Jornalista Econômico

Soberania Ameaçada: A Expansão Multinacional das Empresas Americanas. Raymond Vernon (Trad. Antônio Z. Sanvicente). São Paulo: Pioneira. 1978. 323 p. (Novos Ubrais)

A soberania é um dos objetivos nacionais de qualquer Estado. O poder de um país mede-se em função de vários fatores, sendo a soberania um dos principais, senão o primeiro, a ser considerado.

Na segunda metade do século 20, a expansão do capitalismo trouxe as empresas multinacionais, que surgem como óbice à soberania nacional. O livro de Raymond

Vernon é o resultado de pesquisa realizada em 1965 na Universidade de Harvard. Em seus oito capítulos (encerrados cada um por notas bibliográficas), após mostrar a expansão das 187 maiores empresas americanas, o autor observa que as empresas estrangeiras vêm lentamente abandonando as atividades industriais de café, cacau, fibras tropicais, açúcar e chá, em razão de diversos fatores. As empresas estatais também tornam-se bastante ativas após a segunda grande guerra no mundo capitalista.

O surgimento e a ampliação e consolidação das empresas manufatureiras norte-americanas na Europa datam de 1900, ou pouco antes, e de 1945, respectivamente. A tecnologia acompanhou a liderança econômica dos Estados Unidos. É fato inegável que os EUA atingiram posição dominante na ciência e na tecnologia mundiais após a segunda grande guerra. De 1951 a 1969, 21 dos 38 prêmios Nobel em Física, 9 dos 27 em Química e 23 dos 40 em Medicina e Fisiologia foram concedidos a cientistas norte-americanos.

Raymond Vernon aponta os três grandes motores de pujança das grandes empresas norte-americanas: o lucro, o desconhecimento do risco e da incerteza no processo de tomada de decisões, e o tamanho e a diversidade destas empresas e seu comportamento modificado em função disto. Como processo de investimento direto, usa-se a subsidiária e inicia-se a ameaça à soberania nacional.

As multinacionais são vistas como um desafio às elites locais. A rigor, o desafio está vinculado ao confronto de culturas, ao conflito de ideologias e à rivalidade entre elites. EUA, Inglaterra, França e Japão são estudados nas relações entre empresas multinacionais e governo.

A limitação das atividades da subsidiária estrangeira pelos governos dos países anfitriões é a reação à crescente presença dessa entidade. A política varia de país a país, mas é certo que as multinacionais adquirem maior poder e chegam a dominar as decisões econômicas em vários países atrasados. Os grupos econômicos locais formam conglomerados maiores e alguns

são simplesmente absorvidos pelas multinacionais. Isto, em todos os ramos de atividade econômica, sobretudo no setor secundário e no terciário.

Soberania ameaçada é um estudo que se detém mais na área de administração e enriquece a bibliografia sobre o tema, completando a obra clássica de Gilles Bertin, do Centro Nacional de Pesquisas Científicas, da França.

Januário F. Megale
FEA/USP

Vila Rica: População (1719-1826). Iraci Del Nero da Costa, 1979, Instituto de Pesquisas Econômicas da USP, São Paulo (Ensaio Econômico, vol. 1), 268 p.

Iraci del Nero da Costa, professor de História Econômica da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, vem-se dedicado há vários anos ao estudo da população brasileira, especificamente a das Minas Gerais. No presente trabalho — uma ampliação e complementação da dissertação de mestrado apresentada à Faculdade em que leciona — o Prof. Iraci analisa o fluxo e refluxo populacional de Vila Rica, vale dizer, "... a concentração de grande contingente humano (oriundo dos diversos quadrantes do Brasil, da metrópole e demais dependências coloniais) em pequeno espaço territorial e sua subsequente diáspora. Estes movimentos foram condicionados, de um lado, pela ascensão e receso da atividade aurífera e, de outro, pelas atividades econômicas subsequentes à decadência da mineração" (p. 4).

Munido da metodologia preconizada e desenvolvida em França por Michel Fleury, Louis Henry e Pierre Goubert, adaptada às circunstâncias específicas em que se estruturou a população brasileira, o autor desenvolveu sua pesquisa empírica a partir dos registros de batismos, óbitos e casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias (uma das duas existentes em Vila Rica no período colonial) e do recenseamento efetuado em Minas Gerais no ano de 1804.

O espaço temporal analisado abrange a exploração aurífera na área, seu auge e decadência, possibilitando captar as repercussões sociais e econômicas de reflorescimento agrícola na Colônia, cujas raízes se assentaram no último quartel do século XVIII. Compreende, igualmente, a concentração populacional ocorrida nos três primeiros quartéis do século dezoito, época em que se formou o estoque de população que, em um segundo momento, dirigiu-se para outras regiões do território brasileiro.

Muitos outros aspectos de *Vila Rica: População (1719-1826)* merecem ser destacados. Todavia, o maior mérito da publicação reside em seu caráter pioneiro, já que é o primeiro estudo aprofundado de demografia histórica brasileira relativo à área mineira. O minucioso trabalho do Prof. Iraci del Nero da Costa deixa evidente a necessidade

de novas pesquisas referentes à sociedade mineira e às demais economias vigentes no período colonial. E é justamente esse conhecimento mais profundo das populações do Brasil Colônia que fornecerá o embasamento empírico indispensável ao estabelecimento de teoria demográfica original apta a explicar a formação populacional brasileira.

Em suma, *Vila Rica: População* é leitura obrigatória aos pesquisadores e historiadores (o apêndice metodológico, especificando técnicas e tratamento dispensado aos dados, será de extrema utilidade), bem como àqueles interessados em conhecer a maneira pela qual se deu o processo de formação da população brasileira.

Afrânio Mendes Catani
Professor do Depto. de Ciências da Educação, UNESP, Campus de Araraquara.